

A Amazônia e um duplo paradoxo – o inferno verde ou um novo Eldorado?

The Amazon and a double paradox: The green hell or a new El Dorado?

TATIANA PEDROSA

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PhD. in History from the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul

RESUMO Quando observamos a Arqueologia Amazônica, claramente percebemos duas imagens criadas com base nas interpretações dos trabalhos de duas arqueólogas, Betty J. Meggers e Anna C. Roosevelt, leituras obrigatórias no entendimento sobre o passado amazônico. A primeira, como uma pintura do inferno verde; a segunda, como o retorno à busca pelo Eldorado. Mapear os detalhes dessas imagens é entender qual o propósito de se construir e ratificar determinados rótulos e, qual o poder e força que os mesmos adquirem com o passar do tempo.

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia, Amazônia, Meggers, Roosevelt, imagens.

ABSTRACT When looking at the Amazon Archaeology clearly perceives two images created from the interpretations of the works of two archeologists, Betty J. Meggers and Anna C. Roosevelt, required reading in understanding the past Amazon. The first, like a painting of the *Green Hell*, the second as the return to the search for *Eldorado*. Map out the details of these images is to understand what the purpose of constructing and ratify certain labels, and which power and strength that they acquire over time.

KEYWORDS Archaeology, Amazon, Meggers, Roosevelt, pictures.

Duas imagens para a Amazônia

As figuras ou imagens que se tem do *real* são sempre algo a mais do que elas querem demonstrar; então, dentro de um âmbito geral, entendê-las significa entender o papel e o trabalho social que elas representam.

Uma imagem não deve ser instrumento de mão única, privilegiando um só discurso analítico, mas pode ser usada como instrumento na compreensão de vários discursos e esferas sociais.

A razão precisa realizar abstrações. Abstrair significa *isolar*, *separar de*. Fazemos uma abstração quando isolamos, separamos um elemento de uma representação, elemento este que não é dado separadamente na realidade (representação significa a imagem, ou a ideia da coisa enquanto presente no espírito).

Quando observamos a Arqueologia Amazônica, claramente percebemos duas imagens criadas com base nas interpretações dos trabalhos das arqueólogas Betty J. Meggers e Anna C. Roosevelt, leituras obrigatórias para quem quer entender um pouco sobre o passado amazônico. Seus trabalhos são associados a duas imagens, que para a Arqueologia Amazônica de hoje são ícones: a arqueologia Amazônica ora é vista como o *inferno verde*; ora é vista como o *novo Eldorado*.

A partir de então desenvolvemos uma representação mental, que para as arqueólogas foi criada com base em uma experiência sensível, e que, de alguma forma, foi concreta e particular a elas. Ora, se abstrairmos e isolarmos as ideias que elas tiveram da Amazônia de outras ideias secundárias, e considerarmos a Amazônia por Meggers e a Amazônia por Roosevelt, conseguiremos perceber duas representações intelectuais.

No ato de escrita de uma determinada obra, todo um trabalho, muitas vezes, se torna imortal. Pois não importa o autor real, de carne e osso, mas a obra em si, ou a reverberação deste trabalho, que por sua vez passa a defender sozinho uma determinada causa que lhe escapa à medida que é construído.

Nesse caso a problemática traz dois ausentes que podem ser considerados idênticos: um, o personagem irreal, visualizado por meio de uma imagem, ou um emblema, ou um paradigma; e o outro, o personagem real, mas hoje esquecido ou ultrapassado. O abismo é criado justamente porque se tem uma obra (todo um trabalho) que pode não ser atestada pelo seu autor (por sua assinatura), mas que é atestada e ratificada por seus leitores. Assim, não é evidente a identidade da obra em si.

Two images for the Amazonia

The figures or images that if have of the Real are always something more than what it wants to demonstrate, then, to understand them inside of a general scope means to understand the paper and the social work that it represents.

An image does not have to be hand-only instrument of, privileging one alone analytical speech, but it can be used as social instrument in the understanding of some speeches and spheres.

Reason, needed it carry through abstractions. To abstract means to isolate, to separate off. We make an abstraction when we isolate, we separate an element of a representation, element this that is not given separately in the reality (representation means the image, or the idea of the present thing while in the spirit).

When we observe Amazonian Archaeology we clearly perceive two images created from the interpretations of the works of two archaeologists, Betty J. Meggers and Anna C. Roosevelt, these two are obligators' readings for who wants to understand a little on the Amazonian past. Its works are associates the two images stop in Amazonian Archaeology that today are icons; Amazonian archaeology however is seen as the green hell, however is seen as the new El Dorado.

From now on we create a mental representation, that stops the two archaeologists, had been created from a sensible experience, and that, of some form, it was concrete and particular to the same ones. However if to abstract and to isolate the ideas that they had had of the Amazonia of other secondary ones and to consider the Amazonia for Meggers and the Amazonia for Roosevelt, we will obtain to perceive two intellectual representations.

In the writing act one determined workmanship, all a work, many times if becomes immortal, therefore it does not import the real author, of meat and bone, but the workmanship in itself, or the reverberation of this work, that in turn starts to defend alone one definitive cause that escapes to it to the measure that is constructed.

In this case the problematic one in them brings two absentees who can be considered identical: one is the unreal personage, visualized from an image, or an emblem, or a paradigm; the other is the real personage, but today forgotten or exceeded. The abyss is created exactly why a Workmanship is had (all a work), that it cannot be certified by the author

of the workmanship (for its signature), but that it is certified and ratified from its readers. Thus the identity of the Workmanship in itself is not evident.

However the representations of Meggers and Roosevelt had been objectified in texts, and from them it is that we are next the images today conceived for the Amazonian archaeological past.

Here, if it is behind these two images, of the two interpretations, to map the details is to understand which the intention of if constructing and ratifying definitive labels and, which the power and force that the same ones acquire with passing of the time.

If of certain form, to read is to share, has that to learn as this allotment influences our work of field reverberating for times an only voice for an object multiplicity. The attempt is to dislocate the focus does not stop a voice, but for a multiplicity of voices. To be able above all, to distinguish what it is a similar representation of that if can arrive at this transcendence and try to leave a vicious circle of reproduction of speeches.

This complex relation between text and world has been debated and argued inside of a perspective that insists on the separation between the word and it's referring one. Or better, which would be the degree where the historical descriptions can come to be accepted as legitimate representations of the past.

The important one is not to eliminate the falseness or to identify the veracity of principles, but it has of if having more attention with the judgments, and, therefore with the values that we attribute or not it definitive affirmations. It has truth, or not depending on as the principles appear for the citizen that knows them. Therefore we say that something is true when it is what it seems to be. After all, the question is more complex: how to judge the truth of the representation of the Real for the thought? That is, as to know if the same definition of truth she is true? Independent to recognize what he is or not true, the important one is not to incur into the same error to repeat truths that are not ours.

But at last, the pretense errors fit in the pretense scientific truths (or they would be accidents), inside of our organizational system. Acquiring to know instead of producing to know, science becomes transformative and not informative; of this form we can correct the errors in order to reestablish

Ora, as representações de Meggers e Roosevelt foram objetivadas em textos, e com base neles é que ficamos próximos a imagens hoje concebidas para o passado arqueológico amazônico.

Aqui, buscam-se estas duas imagens, estas duas interpretações; e mapear os detalhes é entender qual o propósito de se construir e ratificar determinados rótulos, e qual o poder e força que eles adquirem com o passar do tempo.

Se, de certa forma, ler é partilhar, temos que aprender como essa partilha influencia nosso trabalho de campo, reverberando, por vezes, uma única voz para uma multiplicidade de objetos. A tentativa é deslocar o foco, não para uma voz, mas para uma multiplicidade de vozes; para poder, acima de tudo, distinguir o que é uma *representação* a fim de que se possa chegar a essa *transcendência* e tentar sair de um círculo vicioso de *reprodução de discursos*.

Essa relação complexa entre texto e mundo tem sido debatida e discutida dentro de uma perspectiva que insiste na separação entre a palavra e seu referente. Ou melhor, qual seria o grau em que as descrições históricas podem vir a ser aceitas como legítimas representações do passado?¹

O importante não é eliminarmos a falsidade ou identificarmos a veracidade de princípios, mas há de se ter mais atenção com os juízos, e, portanto, com os valores que atribuímos ou não a determinadas afirmações. Há verdade, ou não, dependendo de como os princípios aparecem para o sujeito que os conhece. Por isso dizemos que algo é verdadeiro quando é o que parece ser. Afinal, a questão é mais complexa: como julgar a verdade da representação do real pelo pensamento? Ou seja, como saber se a definição mesma de verdade é verdadeira? Independentemente de reconhecer o que é ou não verdadeiro, o importante é não incorrer no mesmo erro de repetir *verdades* que não são nossas.

Mas enfim, os *pretensos erros* cabem nas *pretensas verdades científicas* (ou seriam acidentes?) dentro de nosso sistema organizacional. Ao adquirir saber em vez de produzir saber, a ciência torna-se transformativa e não informativa; dessa forma, podemos corrigir os erros a fim de restabelecer a informação original.² Ou melhor, deslocando o problema sobre o que seria certo ou errado,

¹ PIRIE, Anne. Constructing prehistory: Lithic analysis in the Levantine epipalaeolithic. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, Wiley Online Library, 2004, p. 1.

² MORIN, E. *O método VI*. Ética. Brasil: Sulina, 2005, pp. 150-153.

podemos de uma forma mais segura e menos taxativa entender a dimensão dos trabalhos dessas duas arqueólogas.

O conhecimento depende das condições, possibilidades e limites de nosso entendimento. Operacionalmente falando, chegamos a um ponto em que precisamos delimitar como construir pensamentos em cima de outros, sendo a arqueologia um mundo permeado de significações.

“Não se trata de discutir o valor real dos fatos (...), mas sua percepção e as condições históricas nas e pelas quais eles são percebidos.”³ Ora, trata-se de entender a extensão dessas duas formas de compreensão na tentativa de diferenciar estratégias conceituais repetitivas de um determinado círculo teórico que acabam quase que naturalmente reproduzindo discursos e inferindo diretamente nos trabalhos arqueológicos.

A ilusão de um paraíso: o Inferno Verde, de Meggers

Muito se criticam os trabalhos pioneiros de Meggers na Amazônia, nas décadas de 1960 a 1970. Porém, apesar de mover-se, agir e retroagir com base nas críticas, é necessário ter também em mente que “ciência”, metodologicamente falando, não pode ser construída baseada em críticas vãs. Cabe lembrar que só se pode contrastar ou apoiar uma determinada teoria à medida que extenuantemente a conhecemos.

Entender os trabalhos de Meggers é conceber o mundo como um só organismo vivo. Tudo está intrinsecamente ligado, fazendo parte desse organismo complexo. Entendê-lo é perceber a ciência como um conjunto interdisciplinar e interativo, que busca na biologia, na físico-química, na antropologia e, assim por diante, uma voz única para a compreensão do homem e de seu *habitat*.

Sociedade

Para Meggers, as sociedades amazônicas são, antes de tudo, respostas. Respostas a questões de povoamento, já que antes da chegada dos europeus os aborígenes aprenderam a viver em todos os ambientes deste hemisfério; a questões das diferenças e semelhanças dos modos de vida pré-históricos na América do Norte e do Sul, e principalmente, indícios na compreensão e no

the information original. Or better, dislocating the problem on what it would be right or wrong we can of a form more less taxing insurance and be able to understand the dimension of the works of these two archaeologists.

The knowledge depends on the conditions, possibilities and limits of our agreement. Operationally speaking, we arrive at a point where we need to delimit as to construct thoughts on of others, being archaeology a permeated world of significances.

“It is not treated to argue the real value of the facts (...), but its historical perception and conditions in and by which they are perceived.” However, it is treated to understand the extension of these two forms of understanding in the attempt to differentiate repetitive conceptual strategies of one determined theoretical circle that finish almost that of course, reproducing speeches and inferring directly in in the archaeological works.

The illusion of a paradise: The Green Hell of Meggers

Much criticizes the pioneering works of B. J. Meggers in the Amazonia of the decades of 60 the 70. However, science although to move themselves, to act and to retroact from the critical ones it is necessary to also have in mind that “science” methodologically speaking cannot be constructed from critical vain. Remembering that only if it can contrast or support one definitive theory to the measure that strenuous we know it!

To understand the works of Meggers is to conceive the world as one alone alive organism. Everything is intrinsically on being part of this complex organism. To understand it is to perceive Science as a set to interdisciplinary thus and interactive, that it searches in biology, physicist-chemistry, the anthropology and, for ahead, an only voice for the understanding of the man and its habitat.

Society

The Amazonian societies are, for Meggers, before all answers. Answers the peopling questions, since before the arrival of the Europeans, aborigines had learned to live in all the environments of this hemisphere, the questions of the differences and similarities in the prehistoric ways of life in the North America and of the South, and mainly, indications in the understanding and the agreement of the origins of this man.

³ CHAUVEAU, A. *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999, p. 13.

And was exactly in the fight for the survival that the transformations operated for these peoples had been still clearer on account of all the adaptation process lived by these.

“During billions of years, the organisms if had conserved simple, small e had suffered few alterations. In the same way, during thousands of years, the cultures had not demonstrated any important development in complexity terms. However, as soon as the differentiation had beginning, it if processed in sped up rhythm, in both the levels. Organisms and cultures had developed new inaccessible characteristics that allowed them to invade habitats before or to explore the old ones, using new ways. As much the paleontological vestiges, as the archaeological ones, testify the fact of that many adaptations ways were alley-without-exit that finished for leading to the extinguishing, while others had branched off in new and unexpected directions”.

This primitive man, inhabitant of the tropical forests nothing more is of what fruit of general and global disposal. E is of this form that the archaeologist approaches it: from its origins, inside of a evaluative scale and following an order since its arrival to the continent until the process for which it crossed to obtain to adapt themselves and to get the control of the tropical ecosystem.

In this evolutions process, three linguistics families or trunks if detach in the research of Meggers; Tupi-guarani, Aruak and Karib. However, to study the process of natural election resulting in a cultural configuration only e in the Centre of the forest aborigines (the Kayapó, the Kamayurá, the Sirionó, the Jívaro, the Waiwai) and two inhabitants of the fertile valley had been analyzed five groups. These aboriginal groups had been examined always under the prism of the process of cultural adaptation, either it in the firm land or the fertile valley.

The description of these cultures had been normalized from parameters, such as: feeding, standard of peopling and occupation of the ground, material culture, and social organization, cycle of life, practical religious and relation with the neighboring groups. Distinguishing the inserted innovations after-contact, was had, “in general lines” the life way aborigine of these groups.

“The five chosen tribes as examples of adaptation

entendimento das origens desse homem.”⁴

E foi justamente na luta pela sobrevivência que as transformações operadas por esses povos ficaram ainda mais claras, por causa de todo o processo adaptativo vivido por eles.

Durante bilhões de anos, os organismos se conservaram simples, pequenos e sofreram poucas alterações. Da mesma forma, durante milhares de anos, as culturas não demonstraram nenhum desenvolvimento importante em termos de complexidade. Entretanto, logo que a diferenciação teve início, ela se processou em ritmo acelerado, em ambos os níveis. Organismos e culturas desenvolveram novas características que lhes permitiam invadir habitats antes inacessíveis ou explorar os antigos, utilizando novos meios. Tanto os vestígios paleontológicos, como os arqueológicos, testemunham o fato de que muitos caminhos adaptativos eram becos sem saída, que acabavam por conduzir à extinção, enquanto outros se ramificaram em novas e inesperadas direções.⁵

Esse homem primitivo, habitante das florestas tropicais, nada mais é do que fruto de disposição geral e global. E é dessa forma que a arqueóloga o aborda: a partir de suas origens, dentro de uma escala evolutiva e seguindo uma ordem desde sua chegada ao continente até o processo pelo qual atravessou para conseguir adaptar-se e obter o controle do ecossistema tropical.

Nesse processo evolutivo, três famílias ou troncos linguísticos se destacam na pesquisa de Meggers: os Tupi-guarani, os Aruak e os Karib. Porém, para estudar o processo de seleção natural resultando numa configuração cultural única e no seio da floresta, foram analisados cinco grupos aborígenes (os Kayapó, os Kamayurá, os Sirionó, os Jívaro e os Waiwai), e dois habitantes da várzea.⁶ Esses grupos indígenas foram examinados sempre sob o prisma do processo de adaptação cultural, seja ele na terra firme ou na várzea.

A descrição dessas culturas foi normatizada com base em parâmetros, tais como: alimentação, padrão de povoamento e ocupação do solo, cultura material, organização social, ciclo de vida, práticas religiosas e relação com os grupos vizinhos. Particularizando-se as inovações inseridas pós-contato, tinha-se, “em linhas gerais”, o modo de vida aborígene desses grupos.⁷

⁴ MEGGERS. *América Pré-Histórica*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979, p. 1.

⁵ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 20.

⁶ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 58.

⁷ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 61.

As cinco tribos escolhidas como exemplos de adaptação ao meio ambiente apresentam entre si numerosas semelhanças culturais (...). Então, surgiram outras características identificadoras dos aspectos adaptativos de uma “cultura de terra firme”; “o tamanho e a densidade da população são mantidos dentro dos limites específicos por práticas culturais reforçadas; dentro dessa limitação, a interação das características especiais de cada meio ambiente com a configuração da cultura pré-existente produziu inúmeras variações sobre um único tema.⁸

Contudo, embora as deficiências recaiam nessas informações, as crônicas comprovam a existência de uma alta densidade demográfica e um nível de desenvolvimento cultural apurado. Os Omágua e os Tapajós, pela frequência com que são descritos em diferentes relatos, puderam porventura ser reconstituídos num nível geral.⁹ Dessa maneira, à medida que “a cultura de terra firme” foi descrita sob certas características, “a cultura de várzea” assume também características descritas com base em parâmetros tais como, padrões de povoamento, vestuário e adornos, subsistência, organização social, ciclo de vida, cerimônias, comércio, guerras, religião e magia.

Mas, era justamente nas características de adaptação cultural que o ambiente de várzea diferia, num contraste gritante, com o de terra firme. O mesmo quadro de referências aplicado à terra firme foi usado na várzea: as técnicas para maximizar o rendimento da população e para o controle do tamanho e densidade dessa população.

Estava assim caracterizada uma extensa população sob os parâmetros indicativos de densidade populacional e nível de complexidade cultural. Porém, esses fatores não foram responsáveis pela melhora dos recursos de subsistência introduzidos pelo homem, mas apenas por uma utilização eficiente.¹⁰

Assim, estavam lançadas as bases para uma afirmativa que iria ecoar durante muito tempo e que é tema de debate até os dias de hoje: a íntima relação existente entre o ambiente e o desenvolvimento cultural, em que um determinado grupo que fosse forçado a transferir-se para uma área de recursos reduzidos seria incapaz de manter seu nível anterior de desenvolvimento,

to the half-environment present between itself numerous cultural similarities (...). Then, other identification characteristics had appeared of the adaptations aspects of a “firm land culture”; “the size and the density of the population are kept inside of the strengthened practical specific limits for cultural; inside of this limitation, the interaction of the characteristics special of each half-environment with the configuration of the preexisting culture produced innumerable variations on an only subject”.

However even so the deficiencies fall again into this information, the chronicles prove the existence of one high demographic density and a level of refined cultural development. The Omagua and the Tapajós, for the frequency with that they are described in different stories could have been reconstituted in a general level. In this way to the measure that “the firm land culture” was described under certain characteristics, “the fertile valley culture” also assumes characteristic described from parameters such as, standards of peopling, clothes and adornments, subsistence, social organization, cycle of life, ceremonies, commerce, wars, religion and magic.

But it was exactly in the characteristics of cultural adaptation that the fertile valley environment differed, in a clamorous contrast, with the one of firm land. The same picture of references applied to the firm land was used in the fertile valley: the techniques to maximize the income of the population, the techniques for the control of the size of the population and the techniques for the control of the density of the population.

Thus it was characterized an extensive population under the indicative parameters of population density and level of cultural complexity. However these factors had not been responsible for the improvement of the resources of subsistence introduced by the man, but only of an efficient use.

Thus the bases for an affirmation were launched that would go to echo during much time and that it is debate subject until the present: the close existing relation between the environment and the cultural development, where one determined group that was forced to move to an area of reduced resources would be incapable to keep its previous level of development thus occurring an involution.

The Amazonian prehistoric man in its unity now passes to be seen as plus one of the factors

⁸ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 151.

⁹ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 154.

¹⁰ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 182.

or vestiges that can solve the great mystery around the adaptability. This man during much time goes to be forgotten, to be ignored, transformed into a mere “cloth of deep”.

Culture

To define culture is to all make an exercise of understanding of a significance universe created by the other. Then, in the search for a bigger understanding, one searched to commundard of the reading and interpretation that Meggers had on what it would be culture inside of Amazonian. Or better, what the anthropologist had chosen as meant of culture.

The Relation culture and half-environment is in its very strong work. The two are intrinsically associates. The appropriate agreement of the environment in itself, the Amazonia, would be the way to understand itself as it would function the culture and the cultural adaptation. Two successive types of use human being of this half-environment are important to understand the established dichotomous relation. In other words, this “natural laboratory” that would be the Amazonia signaled a way by which it could be understood, it was alone to try to understand as if it gave to the exploration of these two environments: firm land and fertile valley.

Two proposals had been accepted as valid for the recognition of this relation, of this context and ecosystem:

“(1) the man is an animal and, as the other animals, must keep a relation of adaptation with its half-environment to be able to survive; (2) even so it obtains this adaptation, mainly by means of the culture, the process is guided by the same laws of natural election that govern the biological adaptation”.

The culture thus was seen as resulted of the cultural adaptation. Of this form concentrating itself in its study two areas were gone to have examples of differences in the complexity in these.

The comparison of these differences in these two so diverse environments would be the point key that it would demystify what the author calls “persistence to the myth of limitless productivity”. The finding of the cultural differences is of utmost importance for the adaptation and becomes accessible for the existence of comparative descriptions

ocorrendo assim uma involução.

O homem pré-histórico amazônico, em sua unicidade, passa agora a ser visto como mais um dos fatores ou vestígios que possam solucionar o grande mistério em torno da adaptabilidade. Esse homem, durante muito tempo, vai ser esquecido, ignorado, transformado num mero “pano de fundo”.

Cultura

Definir cultura é fazer um exercício de compreensão de todo um universo de significação criado pelo outro. Então, na procura por uma maior compreensão, buscou-se comungar da leitura e interpretação que Meggers tinha sobre o que seria cultura dentro do entorno amazônico. Ou melhor, o que a antropóloga tinha eleito como significado de cultura.

A relação cultura e meio ambiente é, em seu trabalho, muito forte. As duas coisas estão intrinsecamente associadas. O entendimento apropriado do meio ambiente em si, a Amazônia, seria o caminho para entender como funciona a cultura e a adaptação cultural. Dois sucessivos tipos de utilização humana desse meio ambiente são importantes para entender a relação dicotômica estabelecida.¹¹ Em outras palavras, esse “laboratório natural”, que seria a Amazônia, sinalizava um caminho pelo qual podia ser entendido; era só tentar compreender como se dava a exploração desses dois ambientes: terra firme e várzea.

Duas proposições foram aceitas como válidas para o reconhecimento dessa relação, desse contexto e ecossistema:

(1) o homem é um animal e, como os outros animais, deve manter uma relação de adaptação com o seu meio ambiente para poder sobreviver; (2) embora consiga essa adaptação, principalmente por meio da cultura, o processo é guiado pelas mesmas leis de seleção natural que governam a adaptação biológica.¹²

A cultura foi assim vista como resultado de uma adaptação. Dessa forma, concentrando-se no seu estudo, surgiriam exemplos de diferenças na complexificação dessas duas áreas.

A comparação dessas diferenças nesses dois ambientes, tão diversos, seria o ponto-chave que desmistificaria o que a autora

¹¹ MEGGERS. *Amazônia, a Ilusão de um paraíso*. Rio: Civilização Brasileira, 1977, p. 21.

¹² MEGGERS, *Op. cit.*, p. 22.

chama de “persistência ao mito de produtividade ilimitada”. A constatação das diferenças culturais é de suma importância para a adaptação e torna-se acessível pela existência de descrições comparadas das principais características de um grupo cultural. As paridades e as diversidades entre complexos culturais seriam esclarecedoras quanto à intensidade das restrições ambientais e à flexibilidade da resposta cultural. A ação recíproca entre cultura e meio ambiente revelaria, ou melhor, forneceria uma análise de base para a reformulação de hipóteses adicionais sobre o processo geral de evolução cultural.¹³

Meio ambiente

As perguntas parecem constantes e insistentes: por que um ambiente tão rico possui em seu seio diferenças tão grandes? Como se daria a adaptação a ambientes tão diversos?

A questão é que, ao longo de seu trabalho, a importância que Meggers deu ao meio ambiente foi tamanha, que tudo que o acompanhava teve uma importância secundária. Sociedade, cultura e meio ambiente foram engolidos pelo fenômeno de adaptação na Amazônia.

E, na tentativa de descobrir ou de se aproximar um pouco mais da relação entre homem e meio ambiente amazônicos, Meggers usou uma fórmula que “conhecia”: (...) (2) escolhe-se certo tipo de meio ambiente e examina-se a variação, através do tempo e do espaço, da adaptação cultural dentro de seus limites.¹⁴

Mas o nicho, apesar de poder ser definido em inúmeros parâmetros, tais como o de altitude, características químicas do solo, natureza do suprimento alimentar e temperatura máxima e mínima; era importante que se tivesse em mente que, “embora os fatores restritivos variem quanto ao tipo e a rigidez, nenhuma espécie é capaz de florescer igualmente bem em todas as condições ambientais possíveis”.¹⁵

Podemos dizer que, desta forma ou com estas afirmações, o futuro da arqueologia amazônica estava traçado. Estava a partir de determinados parâmetros que ela assim os elegeu.

Um setor importante no qual a cultura nem sempre pode neutralizar de todo as deficiências ambientais é o que se refere à quantidade e à qualidade dos recursos para a subsistência. Os

of the main characteristics of a cultural group. The parities and the diversities between cultural complexes would be enlightening how much to the intensity of the ambient restrictions and to the flexibility of the cultural reply. The reciprocal action between culture and half-environment would disclose, or better, it would supply a base analysis the formularization of hypotheses you add on the general process of cultural evolution.

Environment

The question seems constant and insistent; why a so rich environment possesses in its center so great differences. As one would give to the adaptation so diverse environments.

The question is that, throughout its work, the importance that Meggers gave to the environment it was so great that everything that followed it had a secondary importance. Society, culture and environment had been swallowed by the phenomenon of adaptation in the Amazônia.

E, in the attempt of if discovering or if approaching a little more than the relation between Amazonian man and environment, Meggers used a formula that “knew”; (...) (2) certain type of half-environment is chosen and is examined its variation, through the time and of the space, the cultural adaptation inside of its limits.

But although the niche to be able to be defined in innumerable parameters such as of altitude, chemical characteristics of the ground, nature of the alimentary supplement and maximum and minimum temperature. It was important that if it had in mind that, “even so the restrictive factors vary how much to the type and the rigidity, no species is capable to blossom in all the possible ambient conditions equally well”.

We can affirm that, in such a way or with these affirmations, the future of Amazonian archaeology was traced. From it were determined parameters that it thus chose.

An important sector in which the culture nor always can neutralize all of the ambient deficiencies is what concerns the amount and to the quality of the resources for the subsistence. The vegetables and the animals, exactly when domesticated, have nutritional necessity of specific combinations of heat, humidity and foods; although some deficiencies can be culturally moderate, others result of physical, chemical conditions and atmospheric

¹³ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 22.

¹⁴ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 25.

¹⁵ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 25.

that are of the human control, since the culture, without an intent and productive supply of food, only can reach a minimum level of complexity, the differences in the subsistence potential constitutes, of the point-of-sight of the adaptation human being, the aspect most important of the half-environment.

In its argument some data had been taken ahead aiming at to differentiate given inadequate when in the landmark of the Amazon region as area uniform. This would not happen for a series of factors, such as: the geographic extension of the basin, and for consequence the pluvial index, temperature, topography affecting the subsistence and the agricultural potentiality in special way. But it is exactly the rain and the humidity that appear as preponderant factors inside of this argument.

Factors are exactly the annual averages that they need to be discovered in order to more clearly become the typical phenomenon of the region: the weathering. “The allied geologic age to the hot temperature and heavy rains is responsible for the extraordinary infertility of the ground Amazonian?”

This form, the half inorganic of the Amazon region would need to be faced heterogeneous in its internal factors, exactly because, in the search for the understanding of the main problems of adaptation human being, this difference is evident when it observes the potential of subsistence of the firm land and the potential of fertile valley subsistence.

It is arrived then at the point-key that would open the doors for what it has much time was considered “paradise”. The fertile valley and the firm land during much time had been argued in terms of what one had and what to another one did not have.

She was necessary to delimit the differences of these two areas. Mainly, she was necessary to recognize its potentials and even so innumerable factors exist, the elect ones said respect to the age of the ground, to the characteristics of the climate (temperature and pluvial index).

Three absolute ones are important in the study in the firm land area. The firm land ground is new, date of the Tertiary one. The exposition to weathering chemical leached its leaves soluble minerals, leaving “mature” ground that they consist, over all, of sand and clay that are between moderate and extremely acid. In nutritional food terms of

vegetais e os animais, mesmo quando domesticados, têm necessidade de combinações específicas de calor, umidade e alimentos nutritivos. Embora algumas deficiências possam ser culturalmente moderadas, outras resultam de condições físicas, químicas e atmosféricas que estão fora do controle humano. Isto porque a cultura, sem um fornecimento concentrado e produtivo de alimento, só pode atingir um nível mínimo de complexidade, e as diferenças no potencial de subsistência constituem, do ponto de vista da adaptação humana, o aspecto mais importante do meio ambiente.¹⁶

Em sua argumentação alguns dados foram levados adiante, visando diferenciar dados inadequados quando na demarcação da região amazônica como área uniforme. Isto não aconteceria por uma série de fatores, tais como: a extensão geográfica da bacia, e por consequência o índice pluvial, temperatura e topografia, afetando a subsistência e a potencialidade agrícola de modo especial.¹⁷ Mas é justamente a chuva e a umidade que aparecem como fatores preponderantes dentro dessa argumentação.

Justamente são as médias anuais os fatores que precisam ser desvelados a fim de tornar mais claro o fenômeno típico da região: o intemperismo. “A idade geológica aliada à temperatura quente e as chuvas pesadas são responsáveis pela extraordinária infertilidade do solo amazônico.”¹⁸

Dessa forma, o meio inorgânico da região amazônica precisaria ser encarado como heterogêneo em seus fatores internos, justamente porque, na busca pela compreensão dos principais problemas de adaptação humana, essa diferença fica evidente quando se observa o potencial de subsistência de terra firme e o potencial de subsistência de várzea.

Chega-se então ao ponto-chave que abriria as portas para o que há muito tempo foi considerado “paraíso”. A várzea e a terra firme durante muito tempo foram discutidas em termos do que uma tinha e do que a outra não tinha.

Era preciso delimitar as diferenças dessas duas áreas. Principalmente, era preciso reconhecer seus potenciais, e embora existam inúmeros fatores, os eleitos diziam respeito à idade do solo, às características do clima (temperatura e índice pluvial).

Três absolutos são importantes no estudo da área de terra

¹⁶ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 26.

¹⁷ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 26

¹⁸ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 27.

firme. Os solos de terra firme são novos, datam do Terciário. A exposição à intempérie química lixiviou seus sais minerais solúveis, deixando os solos “maduros” que consistem, sobretudo, de areia e argila, que são entre moderadas e extremamente ácidas. Em termos de alimentos nutritivos de plantas, as deficiências são tão grandes, que solos de igual composição seriam considerados áridos num clima temperado. Em consequência, a temperatura afeta diversos processos biológicos e químicos decisivos para a manutenção da fertilidade do solo. Em solos arenosos, aumenta a capacidade de retenção da água e de absorção de elementos nutrientes vegetais; e solos argilosos acentuam a porosidade e a permeabilidade. Sem isso, a agricultura permanente se torna impossível. O terceiro “absoluto” é a chuva, que atua tanto na superfície do solo, pela erosão; quanto na sua composição interna, por meio da lixiviação. (...) A combinação de temperatura quente e alto índice pluvial afeta o solo sob outros aspectos.¹⁹

Como então a floresta amazônica ostenta tanta opulência? Como seria possível a planície amazônica ostentar uma magnífica vegetação florestal?

Esses efeitos da vegetação sobre o clima estariam estampados num exame mais detalhado das características e combinações de plantas, demonstrado pela floresta primária e por uma total ausência de cobertura vegetal, estando as posições intermediárias ocupadas por duas principais técnicas agrícolas: a variedade tropical, que compreende plantações mistas entre os troncos e os ramos, os quais permanecem depois que a vegetação abatida é queimada; e a variedade temperada, que envolve campos limpos e um só plantio.²⁰

De qualquer forma a seleção natural é generosa com o solo, pois faz com que a floresta primária, contrabalançando os efeitos prejudiciais do clima tropical, desempenhe a captação e o armazenamento de nutrientes protegendo-o contra a erosão e insolação.

Dois seriam então as alternativas de agriculturas praticadas nas matas tropicais das baixadas: a itinerante ou queimada, feita em roçados provisórios, que tem duas características, isto é, o corte e a queima da vegetação antes do plantio, e a mudança para um novo roçado ao fim de duas ou três colheitas; e a intensiva, método que destrói o solo rapidamente, aumentando, assim, o

plants, the deficiencies are great that ground of equal composition would be considered barren in a tempering climate. In consequential, the temperature affects diverse decisive biological and chemical processes for the maintenance of the fertility of the ground. In erinaceous ground, it increases the capacity of retention of the water and absorption of vegetal nutrient elements; e argillaceous ground accents the porosity and the permeability. Without this, permanent agriculture if becomes impossible. The third “absolute one” is the rain that acts in such a way in the surface of the ground for the erosion, how much in its internal composition, through the leaching. (...)The combination of hot temperature and high pluvial index affects the ground under other aspects.

How then the Amazonian forest exhibits as much opulence? How would be possible the Amazonian plain to exhibit a magnificent forest vegetation?

These effect of the vegetation on the climate would be printed in an examination more detailed of the characteristics and combinations of plants demonstrated for the primary forest and one total absence of vegetal covering, being to the busy intermediate positions for two main agricultural techniques: the tropical variety that understands mixing plantations between the trunks and the branches, which remains later that the abated vegetation is burnt; e the tempering variety that involve clean fields and one alone plantation.

Of any form the natural election is generous with the ground, therefore it makes with that the primary forest counterbalancing the harmful effect of the tropical climate plays the capitation and the storage of nutrients, and protection of the same against the erosion and insolation.

Two would be then the alternatives of agricultures practiced in the tropical bushes of the lowered ones: the Itinerant or forest fire, made in brocades provisory that if it uses of two characteristics (the cut and the burning of the vegetation before the plantation and change for a new the brocade to the end of two or three harvests); e the Intensive one, method that destroys the ground quickly, increasing, thus, the risk of a failed harvest.

How much too existing wild foods on a large scale, concentrates do not meet, its dispersed distribution and isolated it makes it difficult the exploration of such resources.

¹⁹ MEGGERS, *Op. cit.*, pp. 33-34.

²⁰ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 35.

Although diverse potentialities in the firm land to exist, the rock of totem are kept standing out low the vegetal and animal food concentration. This would be the factor of direct influence in the standard of occupation human being although one low fertility, of one strong acidity of the ground and of other harmful effect of the tropical climate, making with that the price of this adaptation does not obtain to be noticed.

The aboriginal populations of the tropical lower ones if had accustomed to a low protein consumption, however they had the capacity to store protein in the organism during many weeks, such philosophical adaptation very explains the custom spread out between tropical hunters to consume great amounts of meat of one alone time.

However, these were the possibilities of subsistence of firm land e, as for all rule it has an exception, in this had the potential of subsistence of the fertile valley, and more back in the front it had an incognito that the great fossil guide in the Amazonia would become in archaeological literature: the Island of Marajó. Let us see the fertile valley first...

The ground of fertile valley diverge and very of the firm land ground. Annually it is rejuvenated by a fertile alluvium layer of Andean origin, and its annual cycle is determined by the flood and the ebb tide of the river and not for the seasonal distribution of local rain. E although the fertile valley to occupy the heart of the Amazonian basin, where the tropical climate reaches its maximum expression in comparison with an equal firm land area, presents great diversifications and variations. E of the point of view of the use human being, not only offers nourishing natural resources, as possibilities for its job in agriculture, resources these superiors to the found ones in firm land.

In quantitative terms the nutritional text of the plants and the animals of the fertile valley are higher of what of the firm land without speaking that the fertile valley is appropriate for the culture of the maize source of bigger concentration of you leave minerals and vitamins what the cassava and the potato-candy. In summary the potential of fertile valley subsistence is superior to the one of firm land. But still thus the fertile valley has problems in referring to the adaptation the human being.

The fertile valley, however, is not a perfect paradise. At intervals unexpected, the river goes up 2m

risco de uma colheita fracassada.

Quanto aos alimentos silvestres existentes em larga escala, não se encontram concentrados, assim sua distribuição dispersa e isolada dificulta a exploração de tais recursos.

Apesar de existirem potencialidades diversas na terra firme, a pedra de totem é mantida, ressaltando a baixa concentração de alimentos vegetais e animais. Este seria o fator de influência direta no padrão de ocupação humana, apesar de uma baixa fertilidade, de uma forte acidez do solo e de outros efeitos nocivos do clima tropical, fazendo com que o preço dessa adaptação não seja notado.

As populações indígenas das baixadas tropicais tinham se habituado a um baixo consumo de proteínas; porém, tinham a capacidade de armazenar proteínas no organismo durante muitas semanas. Tal adaptação filosófica explica o costume, muito difundido entre caçadores tropicais, de consumirem grandes quantidades de carne de uma só vez.²¹

No entanto, essas eram as possibilidades de subsistência da terra firme, e como para toda regra há uma exceção, nesta havia o potencial de subsistência da várzea, e mais lá na frente havia uma incógnita, que se tornaria na literatura arqueológica o grande fóssil guia na Amazônia: a Ilha de Marajó. Vejamos primeiro a várzea...

O solo de várzea diverge, e muito, do solo de terra firme. Anualmente é rejuvenescido por uma camada de aluviões férteis de origem andina, e seu ciclo anual é determinado pela enchente e pela vazante do rio e não pela distribuição sazonal da chuva local. E a várzea, apesar de ocupar o coração da bacia amazônica, onde o clima tropical atinge sua expressão máxima em comparação com uma área igual de terra firme, apresenta grandes diversificações e variações. E do ponto de vista da utilização humana, oferece não só recursos naturais alimentícios, como também possibilidades para seu emprego na agricultura, recursos esses superiores aos encontrados em terra firme.²²

Em termos quantitativos, o teor nutritivo das plantas e animais da várzea é mais alto se comparado ao das plantas e animais de terra firme. Além disso, a várzea é apropriada para o cultivo de milho, fonte de concentração maior de sais minerais e vitaminas, se comparado com a mandioca e a batata-doce. Em

²¹ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 46.

²² MEGGERS, *Op. cit.*, pp. 46-47.

resumo, o potencial de subsistência da várzea é superior ao da terra firme.²³ Mas ainda assim a várzea tem problemas no que refere à adaptação humana.

A várzea, entretanto, não é um paraíso perfeito. A intervalos imprevisíveis, o rio sobe 2m ou mais acima do normal acarretando uma súbita diminuição do suprimento alimentar que teria consequências traumáticas numa população que fosse dependente de condições mais favoráveis para sua subsistência. Portanto, a adaptação favoreceu a estabilização a um nível compatível com uma capacidade mais baixa de armazenamento. Esta circunstância limitou o tamanho da população, embora com o teto mais alto do que o da terra firme (*Ibid.*, p. 54).

O *todo coerente* de Meggers sustentava que a multiplicidade de línguas e sua distribuição, e as mudanças do meio ambiente, no caso as drásticas flutuações de clima e vegetação, tornavam compreensível uma leitura a considerar que alguns grupos emigraram ou se adaptaram às condições em mutação enquanto outros permaneceram em locais encravados na floresta. A separação de populações que estavam antes em interação teria conduzido à diferenciação linguística e cultural, enquanto a adaptação a *habitats* semelhantes teria favorecido convergências culturais por grupos de origem diversa.

Nessa tentativa de compreensão do passado amazônico, muitas vezes o conceito de cultura foi atrelado a uma natureza vista de forma inóspita e cerceadora de uma possível Complexificação Social.

A noção de cultura aqui é tomada baseada em uma realidade experimentada pelos então habitantes da floresta, como conceito que tem o objetivo primeiro de delimitar o que pretensamente seria subordinado, minoritário e disperso, em relação aos vizinhos andinos.

Nesta comparação negamos que o homem é capaz de romper com muitas barreiras impostas por determinados ambientes e transformá-las. Pelo menos é o que foi entendido pelos discursos que se seguiram.

Nesse sentido, o homem pré-histórico amazônico não aparece na construção de um passado amazônico, a partir do momento que há uma preocupação excessiva com o meio ambiente.

²³ MEGGERS, *Op. cit.*, p. 48.

or above-normal causing a sudden reduction of the alimentary supplement that would have traumatic consequences in a population who was dependent of more favorable conditions for its subsistence. Therefore, the adaptation favored the stabilization to a compatible level with a storage capacity lower. This circumstance limited the size of the population, even so with the ceiling highest of what of the firm land (*Ibid* p 54).

The all coherent one of Meggers supported that the multiplicity of languages and its distribution, the changes of the half-environment, in the case the drastic fluctuations of climate and vegetation, became understandable a reading to consider that some groups had emigrated or if the conditions in mutation adapted while others had remained in stuck places in the forest. The separation of populations that were before in interaction would have led to the linguistic and cultural differentiation, while the similar adaptation habitats would have favored cultural convergences for groups of diverse origin.

In this attempt of understanding of the Amazonian past many times the culture concept was afterload to a seen nature of inhospitable and curtailed form of a possible Social Complexity.

The culture notion is taken here from a reality tried for then the inhabitants of the forest as concept that has the first objective to delimit what supposedly it would be subordinated, minority and dispersed, in relation to the Andean neighbors.

In this comparison we deny that the man is capable to breach with many barriers imposed for determined surrounding and to transform them. At least it is what it was understood by the speeches that if had followed.

In this direction, the Amazonian prehistoric man does not appear in the construction of an Amazonian past, from the moment where he has an extreme concern with the environment.

In search of a new El Dorado: The Amazonia of Roosevelt

The works of Roosevelt, in the scope of Amazonian archaeology appear or if they delineate as a reply to the hypotheses and quarrels on the impact of the environment in the cultural adaptation excited by Meggers. From the decade of 1980, the works of the researcher Anna C. The Roosevelt will go to consist as the flag whose tones of re-

action consider a different image for Amazonian daily pay-history.

The biggest contradiction in the hypothesis of Meggers would be exactly in its exception. Roosevelt would support the hypothesis of that the culture marajoara could not have Andean origin since it had duration of 1000 years, of century IV to century XVI, being the representatives oldest of the tradition polychrome of the Amazônia.

Making a reevaluation of the works of previous field and being based, mainly, in the study of the devices and the ethnographic stories, the archaeologist offered the time and, she must be said, still she offers an alternative for that they believe that the Amazonian environment is rich for adaptation human being and source of innovation and diffusion of prehistoric culture.

If the environment for Meggers became it rock of totem of its works, can choose the discovery of the cave of Spotted Rock as the starting point of the works of Roosevelt. Painted rock would not be a type well, but it made difference of the works at the beginning mainly why it offered so dreamed dating (vestiges of occupation of 11.000 years) that as data concrete, a series of well sediment established hypothesis already and in archaeology could collate all.

Since 1983, to the front of a project of research in the Brazilian Amazonia, detaching not only the variations related to the human beings, but also to its environments, Roosevelt, it can be pointed as the archaeologist who gave to a new impulse to a front of silenced research many times for an only voice in Amazonian archaeology.

If, of a side the research that raised the flag of the Illusion of a paradise, of the other side was had Roosevelt of the wing to that still they believe the existence of the El Dorado.

Society

The history of Roosevelt in Amazonian archaeology is closely on to the proposal of retrospect in the research to environments of the tropical lowered ones with the objective to help to elucidate in the theory of the cultural evolution.

It was the consensus, in the point of view on the cultural adaptation that bothered it. To be more accurate, the system of tropical forest related and independent small associate ethnographically the e society.

Em busca de um novo Eldorado: a Amazônia, de Roosevelt

Os trabalhos de Roosevelt, no âmbito da arqueologia amazônica, surgem ou se delineiam como uma resposta às hipóteses e discussões sobre o impacto do ambiente na adaptação cultural suscitadas por Meggers. A partir da década de 1980, os trabalhos da pesquisadora Anna C. Roosevelt irão se constituir como a bandeira, cujos tons de reação propõem uma imagem diferente para a pré-história amazônica.

A maior contradição na hipótese de Meggers estaria justamente na sua exceção. Roosevelt sustentaria a hipótese de que a cultura marajoara não poderia ter origem andina, já que teve duração de 1.000 anos, do século 4 ao século 16, sendo as representantes mais antigas da tradição policroma da Amazônia.²⁴

Fazendo uma reavaliação dos trabalhos de campo anteriores e baseando-se, principalmente, no estudo dos artefatos e nos relatos etnográficos, a arqueóloga ofereceu à época, e deve-se dizer, ainda oferece uma alternativa para aqueles que acreditam que o ambiente amazônico é rico para adaptação humana e fonte de inovação e difusão de cultura pré-histórica.

Se o meio ambiente para Meggers tornou-se a pedra de totem de seus trabalhos, podemos eleger a descoberta da caverna de Pedra Pintada como o ponto de partida dos trabalhos de Roosevelt. Pedra Pintada não seria bem um *tipo*, mas fez diferença no início dos trabalhos, principalmente porque oferecia a tão sonhada datação (vestígios de ocupação de 11.000 anos) que, como um dado concreto, poderia confrontar toda uma série de hipótese já estabelecida e bem sedimentada na arqueologia.

Desde 1983, à frente de um projeto de pesquisa na Amazônia brasileira, destacando não só as variações relacionadas aos seres humanos, mas também aos seus ambientes, Roosevelt pode ser apontada como a arqueóloga que deu um novo impulso a uma frente de pesquisa silenciada muitas vezes por uma única voz na arqueologia amazônica.

Se, de um lado tinham-se as pesquisas que levantavam a bandeira da *Ilusão de um paraíso*, do outro lado Roosevelt dá asas àqueles que ainda acreditam na existência do *Eldorado*.

Sociedade

A história de Roosevelt na arqueologia amazônica está

²⁴ NEVES, Eduardo G. *Arqueologia da Amazônia*. Jorge Zahar: 2006, p. 61.

intimamente ligada à proposta de retrospecto nas pesquisas aos ambientes das baixadas tropicais com o objetivo de ajudar a elucidar na teoria da evolução cultural.

Era o consenso no ponto de vista sobre a adaptação cultural o que a incomodava, para ser mais exato, o sistema de floresta tropical relacionado e associado etnograficamente a pequenas e autônomas sociedades aldeãs.

Como então explicar que dentro dessas sociedades aldeãs pudessem existir chefes? Ou relatos da existência de uma densidade demográfica alta ao longo dos rios à chegada dos colonizadores? Como não associar esta demografia a um sistema de subsistência rico em sua agricultura e em seus recursos faunísticos?

A sociedade, ou sociedades amazônicas na leitura de Roosevelt, surge de acordo com as problemáticas quantitativas. Sempre em respostas que viessem contradizer as hipóteses anteriores. As questões não eram as hipóteses em si, mas as previsões sem *dados* concretos.

O problema é que tanto as possíveis veridades quanto as falsidades em hipóteses não levariam a arqueologia amazônica a lugar nenhum, enquanto estas não tivessem um franco compromisso com teorias que visassem ao corpo de mecanismos e aos processos engendrados pela ação cultural tida como prioridade.²⁵ O significado daquilo que anteriormente tinha ficado obscuro ou vago precisava ser delimitado. O desenvolvimento cultural amazônico estava sendo visto sob vários focos, mas ele nunca foi a prioridade.

Qualquer hipótese das pesquisas anteriores vai basear-se no potencial agrícola, na densidade populacional, nos recursos faunísticos, mas nenhuma tinha ainda sido capaz de objetivamente levar em consideração tanto o desenvolvimento demográfico quanto o cultural.²⁶ Assim, para se traçar a sociedade amazônica por meio da leitura de Roosevelt, faz-se necessário delinear os problemas demográficos.

Ora, o principal argumento de sua teoria baseava-se no fato de que na relação entre densidade populacional e mudança tecnológica havia a intensificação do uso da terra, cujo uso ou a combinação entre tecnologia e meio ambiente era possível visando aliviar os efeitos nocivos do crescimento da população

²⁵ ROOSEVELT, A. C. *Parmana. Prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York: Academic Press. 1980, p. 41.

²⁶ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 56.

How then to explain that inside of these societies village could exist heads? Or stories of the existence of a high demographic density throughout the rivers to the arrival of the settlers? How not to associate this demography has a rich system of subsistence in its agriculture and its faunal resources?

The Amazonian society or societies in the reading of Roosevelt appears problematic the quantitative ones in accordance with. Always in answers that came to contradict the previous hypotheses. The questions were not the concrete hypotheses in itself, but predictions non data.

The problem is that as much the possible veracities how much the falseness's in hypotheses the place would not take Amazonian archaeology none, while these did not have in frank commitment with theories that they aimed at to the body of mechanisms and the processes produced for the had cultural action as priority. The meaning of what previously he had been obscure or vacant needed to be delimited. The Amazonian cultural development was being aims at under some focus, but it never was to the priority.

Any hypothesis of the previous research goes to be based on the agricultural potential, in the population density, the faunal resources, but none had still been capable of objective taking in consideration in such a way the demographic development how much the cultural one. Thus to trace the Amazonian society through the reading of Roosevelt, one becomes necessary to delineate the demographic problems.

However, the main argument of its theory was based that in the relation between population density and technological change, it had the intensification of the use of the land, where the use or the combination between technology and environment was possible aiming at to alleviate the harmful effect of the growth of the population on the nourishing resources.

Much was argued that all the population human being has trend to grow putting pressure in the subsistence resources where the problems to possibly balance the resources would be dissolved to the measure that if intensified the use of the land. In this in case that, the intensive production of the culture of grains would have to increase the capacity of the fertile valley habitat, thus the maize culture would have had a fast development as soon as introduced and consequently it occurred

to the intensification of the population density. Such events would have to produce archaeological registers in frank secular correlation with the first appearance of the maize and growth of considerable size in extension of rubbish of the prehistoric habitations.

It was thinking about finding this type of correlation that the archaeological project was constructed, that the small farms and the type of hollowing had been delimited in the regions for it excavated. The field was carefully or meticulously chosen in virtue of the proposals and predictions of its hypotheses. But which is the field that it is not?

The demographic studies, then, would have to unveil this Amazonian prehistoric society. We come back then to the creation of types. In the case of the Amazonian environment, never so the existence or not of chiefdoms was argued. E, by the way, the chiefdoms was a concept used for the Evolutionists.

The development of complex cultures requires for certain assumption population density and games of subsistence that encourage to centralization politics, social stratification and occupational specialization. The chiefdoms Complex was the answers to these problematic ones.

All it was offering a theoretical base that supported that the Amazonia during its daily pay-history supported the establishment of high population density that could have propitiated the appearance of headquarters, requiring, thus, a sociopolitical system. It was what, the least, the hollowing's and stratigraphic on a large scale indicated.

The ceramic sequential as well as the extension and amount of these could give tips and indications of "complex" would be this society. But they would still not give "a picture colorful" of this society.

She was Necessary to call more attention. What was your appearance, where they were located, if their occupations were permanent or seasonal.

But one thing was explaining this company from the ecosystem; the other would not only base their hypothesis on archaeological evidence as ethno-historical. And it was the latter that bias archaeologist embarked.

Was considering the reports ethno-historical reconstruction that occurred in the history of com-

sobre os recursos alimentícios.²⁷

Muito se discutiu sobre o fato de que toda população humana tem tendência a crescer pondo pressão nos recursos de subsistência, e que possivelmente os problemas para balancear os recursos seriam dissolvidos à medida que se intensificasse o uso da terra. Neste caso, a produção intensiva do cultivo de grãos deveria aumentar a capacidade do *habitat* de várzea; assim o cultivo de milho teria tido um rápido desenvolvimento logo que foi introduzido e, conseqüentemente, ocorreu a intensificação da densidade populacional. Tais eventos deveriam produzir registros arqueológicos em franca correlação temporal com a primeira aparição do milho e o crescimento de tamanho considerável em extensão de refugio das habitações pré-históricas.²⁸

Foi com o intuito de achar esse tipo de correlação que o projeto arqueológico foi construído, e assim os sítios e o tipo de escavação foram delimitados nas regiões por ela escavados. O campo foi cuidadosa ou meticulosamente escolhido em virtude das propostas e predições de suas hipóteses. Mas qual é o campo que não o é?

Os estudos demográficos, então, deveriam desvelar essa sociedade pré-histórica amazônica. Voltemos então à criação de *tipos*. No caso do meio ambiente amazônico, nunca foi tão discutida a existência ou não de Cacicados. E, diga-se de passagem, os Cacicados eram um conceito utilizado pelos evolucionistas.

O desenvolvimento de culturas complexas requer, por suposição, certa densidade populacional e jogos de subsistência que encorajem centralização política, estratificação social e especialização ocupacional. Os Cacicados Complexos eram as respostas a essas problemáticas.

O todo estava oferecendo uma base teórica que sustentava que a Amazônia durante sua pré-história suportou o estabelecimento de alta densidade populacional que poderia ter propiciado o aparecimento de chefaturas, requerendo, assim, um sistema sociopolítico. Era o que, ao menos, as escavações e estratigrafias em larga escala indicavam.²⁹

As seqüências cerâmicas bem como a extensão e quantidade destas poderiam dar dicas e indícios de quão "complexa" seria essa sociedade. Mas não dariam ainda "um quadro colorido"

²⁷ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 10.

²⁸ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 159.

²⁹ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 253.

dessa sociedade. Era preciso mais para se chamar a atenção. Qual era sua aparência, onde estava localizada, se suas ocupações eram permanentes ou sazonais.

Ora, uma coisa era explicar essa sociedade a partir do ecossistema, a outra seria basear sua hipótese não só nas evidências arqueológicas quanto etno-históricas. E foi por este último viés que a arqueóloga enveredou.

Foi considerando os relatos etno-históricos que ocorreu a reconstrução da história das sociedades complexas do período pré-histórico tardio e início do histórico. Essas evidências relatavam a existência de mudanças significativas nas várzeas amazônicas no referente às suas atividades, escalas e organização social durante o primeiro milênio, antes, e no primeiro milênio, depois da Era Cristã.³⁰

O somatório dos vestígios da arqueologia pré-histórica antiga e os dados históricos coletados nos relatos dos viajantes que aqui estiveram entre os séculos 16 e 18 revelavam a presença de sociedades complexas ao longo das várzeas dos rios da Amazônia. Extensos domínios unificados sob chefes supremos, organização social hierárquica subsidiada por meio de tributos, colheita intensiva de roças e fauna aquática. Belicosos e expansionistas, seu artesanato desenvolvido caracterizava-se por estilos artísticos difundidos sob as imagens humanas, motivos de animais e formas geométricas.³¹

A densidade demográfica agregava-se ao longo das várzeas, onde se davam as obras de terraplanagem para o controle da água, agricultura, habitação, transporte e defesa. O culto de urnas funerárias e adoração dos corpos e ídolos dos ancestrais dos chefes supunham que a organização social dos Cacicados estivesse estabelecida.³²

Onde estariam os Cacicados hoje? Isto seria outra questão, pois o mais importante já havia sido feito. Os Cacicados Complexos, as Sociedades Complexas, O Cacicado Amazônico, de alguma forma, existiu e era aqui ressuscitado por meio da voz de Roosevelt.

A voz era clara e estava em franca oposição aos quadros da teoria ambiental antecessora: “Este rico e complexo quadro

plex societies of prehistoric and early historic late. These evidences reported the existence of significant changes in the Amazonian floodplains with regard to their activities, scales and social organization during the first millennium, before the first millennium, then the Christian era.

The sum of traces of prehistoric archeology and ancient historical data collected reports from travelers who've been here between the sixteenth and eighteenth century revealed the presence of complex societies along the floodplains of the rivers of the Amazon. Extensive areas under unified overlords, hierarchical social organization subsidized by taxes, intensive crop fields and aquatic fauna. Warlike and expansionist developed his craft characterized by widespread artistic styles in the images human, animal motifs and geometric shapes.

The population density is aggregated along the floodplains where gave the earthwork for the control of water, agriculture, housing, transportation and defense. The cult of coffins and bodies and idol worship of the ancestors of the chiefs assumed that the social organization of chiefdoms was established.

Where would chiefdoms today? This would be another matter, because the most important thing had been done. The chiefdoms Complex, Complex Societies, The Amazon chiefdoms somehow existed here and were resurrected through the voice of Roosevelt.

The voice was clear and was outspoken in opposition to the tables Theory environmental predecessor: “This rich and complex picture of the Amazon prehistoric contradicts old viewpoints based on the idea of environmental poverty.”

The question then would not be discussing the use of sources, interpreted the way the existence or not of chiefdoms and, yes, in the search for an identity Amazon.

We agree with Roosevelt when it says that “(...) it is necessary to forge links between theoretical and empirical archeology, ethno history and ethnography of these peoples.” But what kind of paper is performing research in the Amazon is providing comparative information for ethnographic interpretations of contemporary societies weaving discussions from the level of complexity of these people?

The issues just seem to have changed sides;

³⁰ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 71.

³¹ ROOSEVELT, A. C. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil*. San Diego: Academic Press, 1991, p. 71.

³² ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 71.

rather have the Amazon Andes; rather inhospitable environment and the livelihood of the current Amazonian peoples have the frames ethnographic and quantitative information.

Perhaps these issues are not lies beneath the prehistoric societies Amazon?

Culture

The proposal was a new vision of prehistory Amazon doing a reassessment of previous work that had its basis in environmental theory, and then you had to pay attention to what was standardized in the previous proposal: Culture Marajoara.

The object that was considered an exception in model Meggers, now, would be part of the Roosevelt model with a different outfit. The exception could no longer be considered an arbitrary. Rather, assumptions led to believe and admit that for prehistoric occupation Amazon existed a long sequence, complex and diffuser.

The prehistoric cultures were associated with influences, migrations and invasions from outside. But his research had provided new information. This new evidence showed that the Amazon Basin and seven thousand years ago had been the scene of the development of pottery regions oldest and perhaps the Americas.

The Culture Marajoara was by far the largest social complex of prehistoric America, characterized by their long landfills and its elaborate ceramic known not only for its uniqueness incisions and paintings; Horizon polychrome but also for large-scale ceremonial pottery made for festivities and funerals.

This population probably an area dominated by over a thousand years, burying their dead atop mounds. This phase is considered the pinnacle of prehistoric occupation and cultural characteristics such as wide field, large mounds constructed and exquisite material culture give clues as were the terms of this organizational and functional society. The interest is even greater when compared to the remaining Amazonian societies and makes a historic Cultural Evolution Amazon. This complex society primitive indigenous inhabited the tropical lowlands where supposedly no complex culture could develop.

Marajó changed a whole range of theories and formulations that gave significant importance to concepts related to environmental theory. It all led

da Amazônia pré-histórica contradiz antigos pontos de vista baseados na ideia da pobreza ambiental".³³

A questão então não estaria em discutir o uso das fontes, o caminho interpretado, a existência ou não dos Cacicados, e sim na busca por uma identidade amazônica.

Concorda-se com Roosevelt quando ela diz que: "(...) faz-se necessário forjar laços teóricos e empíricos entre a arqueologia, a etno-história e a etnografia destes povos".³⁴ Mas que tipo de papel está se desempenhando nas pesquisas amazônicas ao se fornecer informações comparativas para interpretações etnográficas das sociedades atuais tecendo discussões a partir do nível de complexidade desses povos?

As questões parecem apenas ter modificado de lado: em vez dos Andes, temos a Amazônia; em vez do meio ambiente inóspito e do modo de subsistência atual dos povos amazônicos, temos os quadros etnográficos e as informações quantitativas.

Quem sabe embaixo dessas questões não jaz as sociedades pré-históricas amazônicas?

Cultura

A proposta era uma nova visão da pré-história amazônica, fazendo uma reavaliação do trabalho anterior, que tinha em suas bases a teoria ambiental; então era preciso dar atenção ao que fora normatizado na proposta anterior: a Cultura Marajoara.

O *objeto*, que foi considerado uma exceção no modelo de Meggers, agora fazia parte do modelo de Roosevelt com uma roupa diferente. A exceção não poderia mais ser considerada uma arbitrariedade. Ao contrário, as hipóteses levavam a crer e a admitir que para a ocupação pré-histórica amazônica existiria uma sequência longa, complexa e difusora.

As culturas pré-históricas tinham sido associadas a influências, migrações e a invasões provenientes do exterior. Mas suas pesquisas haviam fornecido novas informações.³⁵ Essas novas evidências mostravam que a Bacia Amazônica havia 7 mil anos tinha sido palco do desenvolvimento da cerâmica mais antiga da região e, quiçá, das Américas.

A Cultura Marajoara era de longe o maior complexo social

³³ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 34.

³⁴ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 58.

³⁵ ROOSEVELT, A. C. "Arqueologia Amazônica" In: História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 52.

da América pré-histórica e se caracterizava por seus longos Aterros. Sua elaborada cerâmica era conhecida não só pela unicidade de suas incisões, pinturas e horizonte policromo, como também pela larga escala da cerâmica cerimonial feita para festividades e funerais.³⁶

Essa população, provavelmente, dominou uma área por mais de mil anos, enterrando seus mortos no topo de montículos. Esta fase é considerada como o ápice da ocupação pré-histórica, e suas características culturais tais como vasto domínio, grandes montículos construídos e primorosa cultura material dão pistas de como eram os termos organizacionais e funcionais dessa sociedade. O interesse fica ainda maior quando se comparam às sociedades amazônicas remanescentes e se fazem um histórico da Evolução Cultural Amazônica. Essa sociedade complexa primitiva, de origem indígena, habitou as terras baixas tropicais onde, supostamente, nenhuma cultura complexa poderia desenvolver-se.³⁷

Marajó mudava toda uma gama de teorias e formulações que dava significativa importância aos conceitos relacionados à teoria ambiental. Tudo levava a crer que a Cultura Marajoara, “rica em complexidade”, é a representação de uma sociedade estratificada.

As observações quanto ao domínio aparente dos sítios, relacionando às hierarquias, e as diferenças funcionais entre esses sítios entravam em acordo com uma organização de Cacicados, indicando uma variabilidade fisiológica do povo marajoara, mas isso não podia ser o suficiente para afirmar a existência de uma sociedade estratificada com o predomínio de Cacicados. Existem numerosos objetos a serem estudados bem como sítios a serem sistematizados. As evidências mostram que havia diferenciação de alguma forma, inclusive nas representações simbólicas. A segregação da cerâmica cerimonial do contexto doméstico no Teso dos Bichos sugere divisões. Mas ainda há muitos projetos a serem levados adiante, como mais escavações e estudos osteológicos e biológicos.³⁸

Era necessário dar prosseguimento ao projeto arqueológico de Marajó. As direções dos trabalhos futuros já haviam iniciado. Não havia sido terminado; porém, o projeto era o suficiente para

to believe that culture Marajoara, “rich in complexity,” is the representation of a stratified society.

The observations regarding the apparent dominance of sites relating to hierarchies and functional differences between the sites entered into an agreement with an organization of chiefdoms, indicating a physiological variability marajoara the people, but this could not be enough to affirm the existence of a stratified society with the predominance of chiefdoms. There are numerous objects to be studied as well as sites to be systematized. The evidence shows that there was some form of differentiation, even in symbolic representations. Segregation of ceremonial pottery in the domestic context of stiff Critters suggests divisions. But there are still many projects to be carried forward, as more excavations and osteological and biological study.

It was necessary to continue the archaeological project of Marajó. The directions of future work had already started. It had not been completed, but the project was enough to contradict the hypothesis that tropical lowlands were inadmissible the existence of a “paradise”.

If advance their job prospects already foresaw a dichotomy with the assumptions of the work developed in the Amazon decades between 50-70 Marajó definitely gave evidence of this base and solidified jobs that had been developed and were not within the archeology been heard clearly.

The symbolism Culture Marajoara inserted in archeology was so great that the hypothetical character of his narrative, the narrative of Roosevelt, was heard as last determinations and not primary.

The question the assumptions to be validated was not so important since if it had raised a banner against another rationality that had long dominated studies in the region. The construction of a primary systematization (the ethnographic context) correlated with a systematic secondary (using quantitative data) produced another rationality that opened a window can be explored and freedom to those who disagreed with the theory of false paradise.

What would be the real danger to resurrect the idea of existence of El Dorado? Perceive it in archeology through agriculture, pottery and cultural complexity? For one thing is certain, no one doubts the work built by Roosevelt! The disagreement would not be built on rationality. “The knowledge depends on the conditions, possibilities

³⁶ ROOSEVELT, A. C. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil*. San Diego: Academic Press, 1991, p. 26.

³⁷ ROOSEVELT. *Op. cit.*, p. 27.

³⁸ ROOSEVELT. *Op. cit.*, pp. 95-96.

and limits of our understanding.”

The danger that leaps to our eyes is to assume that there are problems to be perceived through questions not answered from data itself, but previous theoretical answers.

How to understand the direction of this relationship theory - sources or sources - theory? If the object is constructed to a problem and more precisely, my data, why let them crystallized? Deconstruction or update a particular theory makes the issues that are the sources? The problem is the reading we did Roosevelt, who took their problems like data.

Environment

Something has already been said about the use of quantitative information in the search for characteristics of both livelihoods and the environment old. It should be emphasized that the environment in theory Meggers was a key factor to assemble a puzzle of Amazonian archeology. In the case of the theory of Roosevelt, the environment would come as a major counterpoint to be understood. Since the contradiction of the view Meggers to Roosevelt lies precisely in this environment as it was interpreted.

This interpretation Amazon suggested a poor environment for man, a false paradise that inhibits population growth and cultural development.

His argument posed a series of principles and assertions based on subsistence potential of the two major habitats of the Amazon forest and the floodplains. Based on empirical evidence, his argument was strong enough and safe (although these evidences were presented as hypotheses) so that they could reject existing hypotheses about the low productivity of Amazonian ecological zones and their relative subsistence technology.

If there were, according to the evidence, a significant contrast between the potential subsistence between the rainforest and the Amazon flood plains, there would be big differences regarding the quality of land for agriculture greatly changing the vision system of subsistence Amazon.

This difference in potential livelihood should be noted first of all on the viability and usefulness of fauna. The huge advantage of existing wildlife resources in the rainforest would fall to the ground because of the mass of food supplies to be derived from the lakes where the water damming occurs,

contradizer a hipótese de que nas terras baixas tropicais fosse inadmissível a existência de um “paraíso”.

Se de antemão suas perspectivas de trabalho já anteviam uma dicotomia com os pressupostos dos trabalhos desenvolvidos na Amazônia entre as décadas de 1950 e 1970, definitivamente as evidências de Marajó davam esta base, bem como solidificaram trabalhos que tinham sido desenvolvidos e que dentro da arqueologia não tinham sido ouvidos com clareza.

O simbolismo que a Cultura Marajoara inseriu na arqueologia foi tão grande, que o caráter hipotético de sua narrativa, da narrativa de Roosevelt, fez-se ouvir como determinações últimas e não primárias.

A questão dos pressupostos a serem validados já não era tão importante desde que se tivesse uma bandeira levantada contra outra racionalidade que por muito tempo tinha predominado nos estudos da região. A construção de uma sistematização primária (o quadro etnográfico) correlacionada com uma sistematização secundária (o uso de dados quantitativos) produziu outra racionalidade que abria uma janela possível de ser explorada e dava liberdade àqueles que não concordavam com a teoria do *falso paraíso*.

Qual seria o real perigo de ressuscitar a ideia de existência do *Eldorado*? Percebê-lo na arqueologia por meio da tripartida agricultura, cerâmica e complexidade cultural? Porque uma coisa é certa, ninguém duvida do trabalho construído por Roosevelt! O desentendimento não estaria na racionalidade construída. “O conhecimento depende das condições, possibilidades e limites de nosso entendimento.”³⁹

O perigo que salta aos nossos olhos é o de se partir do princípio de que existem problemáticas a serem percebidas por meio de questões respondidas não com base em dados em si, mas em respostas teóricas prévias.

Como entender a direção dessa relação teoria-fontes ou fontes-teoria? Se o objeto é construído em função de um problema e, mais precisamente, meus dados, por que deixá-los cristalizados? A desconstrução ou a atualização de uma determinada teoria se faz com as questões que se fazem as fontes? A problemática reside na leitura que se fez de Roosevelt, que tomou suas problemáticas como se fossem dados.

³⁹ MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 139.

Meio ambiente

Algo já foi dito sobre o uso de informações quantitativas na busca de características, tanto do modo de subsistência, como do meio ambiente antigo. É preciso ressaltar que o meio ambiente, na teoria de Meggers, foi um fator fundamental para se montar um quebra-cabeças da arqueologia amazônica. No caso da teoria de Roosevelt, o meio ambiente viria como o principal contraponto a ser entendido, já que a contradição da visão de Meggers para Roosevelt estaria justamente em como esse meio ambiente foi interpretado.

Essa interpretação da Amazônia sugeria um ambiente pobre para o homem, um *falso paraíso* que inibiu o crescimento populacional e o desenvolvimento cultural.⁴⁰

Sua argumentação colocava uma série de princípios e assertivas baseada no potencial de subsistência dos dois maiores *habitats* da Amazônia: a floresta e as planícies inundáveis. Baseada em evidências empíricas, seu argumento era suficientemente forte e seguro (ainda que essas evidências fossem apresentadas como hipóteses) para que se pudessem rejeitar as hipóteses existentes sobre a baixa produtividade das zonas ecológicas amazônicas e sua relativa tecnologia de subsistência.⁴¹

Se havia, segundo as evidências, um contraste significativo entre o potencial de subsistência entre a floresta tropical amazônica e as planícies inundáveis, haveria grandes diferenças no que concerne à qualidade de terras para a agricultura, mudando sobremaneira a visão do sistema de subsistência amazônico.

Essa diferença no potencial de subsistência deveria ser notada, antes de tudo, na viabilidade e na utilidade da fauna. A enorme vantagem dos recursos faunísticos existentes na floresta tropical cairia por terra por causa da massa de fornecimentos de alimentos ser derivada dos lagos onde ocorre o represamento da água, bem como na vegetação aquática, que tem chance de desenvolver certa densidade nas populações de animais. Essa densidade só seria possível no período de vazante do rio. Mas, mesmo com as limitações da margem do rio e considerando a fauna dos lagos, haveria uma vantagem das planícies inundáveis sob a floresta nos assentamentos em longo prazo ligeiramente

as well as aquatic vegetation that has a chance of developing certain density in animal populations. This density would only be possible during the ebb of the river. But even with the limitations of the riverbank and considering the faunas of the lakes, there would be an advantage of floodplains in the forest settlements in the long run slightly larger. But that alone would not be enough to produce the huge contrast between these two regions and evident at the time of contact.

No doubt the substantial contrast resides in the presence of plants suitable for cultivation in the flood plain. Large amount of nutrients absorbed each year was short and maturation of grain crops was convenient to the annual crop in rich alluvial soils enough to sustain population growth in areas of flood plains. A good amount of nutrients was directly accessible to human sustenance and that did not depend only capture animals. The shortage of animal protein during the rainy season could be mitigated due to the storage of grains at the expense of animal fat in hot and humid conditions.

The absorption of the domestication of grains did not alter the ability of human management in forest regions. The protein produced from the plants ability is impaired when they grow in poor soil of the rainforest, and its cultivation prevents the regeneration of forest vegetation that is the last resort of nutrients for agriculture.

However the argument reached its goal: the tendency of populations is growing so pressing subsistence resources, thus possibly problems would be solved through the progressive intensification of land use which probably occurred with the cultivation of grain, and such events should have produced archaeological remains.

The three subitems shown here together would become a “whole”. The rationale of these procedures is not only related to specific goals but also a major factor.

The entire controversy was Roosevelt. Not only because it was based on had his methodological discussions and archaeological interpretations of had works made between the 50 to 70. But their interpretations assumed a touch of criticism considered by some a negative attitude and arrogant.

Elsewhere these questions of identities and different generations, the awkwardness caused by all this would not be the fact that this production had or produced “versions of truth”, since much

⁴⁰ ROOSEVELT, A. C. “*Arqueologia Amazônica*” In: História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 53.

⁴¹ ROOSEVELT, A. C. *Parmana. Prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York: Academic Press. 1980, p. 79.

depended on the assumptions or trends of the time they were enacted. But because in his goal last changed, or rather enriched the possibilities of interpreting archaeological and anthropological accepted on indigenous cultural development in the New World.

The window was open and pointed a totally different way than hitherto accepted as true, the evolution of Amazonian societies and say that also produce changes in the evolution of other companies outside the Amazon region. The production suggested and implied an inversion process. Signaled as soon as the prehistory of the Americas needed to be understood by other parameters. The noise produced by the assumptions of Roosevelt was even bigger than his theory still unfinished.

The data change a theory, but one must remember that these are also deductive systems. So no theory is a reflection of reality. Are “scientific truths” from a structured logical coherence? His theory is no exception and was structured within the rules scientific and logical empiricists presented here. But not always, when maim an object; we perceive the action, their intentions and, above all, their ability to lead. This may be a constant danger in which we are subjected.

In the game of possibilities, despite building a rational from the perspective of counterpoint, the voice continued to resonate within a diffusionist line, only a reversal of sides. The model was “supposedly” different, but in his dialogue ended almost naturally feeding an archeology away from “false paradise”, but very close to the eternal illusion of El Dorado.

The world-text archaeological Amazon

Much has been said about the old and new in archeology Amazon. The trajectory of these two women is a must reading for anyone who wants to start the steps in Amazonian Archaeology both its theoretical importance as the pioneer. Maybe it was curiosity to learn as happened the first archaeological work in the Amazon, which direction research as would be the «false paradise» and the illusion of a new El Dorado.

In this procedure I ended up away from the objects themselves, either ceramic set the prospecting work and I ended up approaching the stories that reveal the past Amazon. Without «the lands under his fingernails» I was entering in the intric-

maior. Mas só isso não seria o suficiente para produzir o enorme contraste existente entre essas duas regiões, evidenciado à época do contato.⁴²

Sem dúvida que o contraste substancial residiria na presença de plantas apropriadas para o cultivo na planície inundada. Larga quantidade de nutrientes foi absorvida a cada ano, e a curta maturação do cultivo de grãos era conveniente ao cultivo anual em ricos solos aluviais o suficiente para sustentar o crescimento populacional nas regiões de planícies inundáveis. Uma boa quantidade de nutrientes estava diretamente acessível ao sustento humano e que não dependia apenas da captura de animais. A escassez da proteína animal durante o período de chuvas podia ser amenizada em decorrência da armazenagem de grãos em detrimento de uma gordura animal em condições quente e úmida.⁴³

A absorção da domesticação de grãos não alteraria a capacidade do manejo humano nas regiões florestais. A proteína produzida pelas plantas é prejudicada quando estas crescem num solo pobre de mata tropical, e seu cultivo impede a regeneração da vegetação florestal, que é o último recurso de nutrientes para a agricultura.⁴⁴

No entanto, a argumentação chegava ao seu objetivo: a tendência das populações é crescer pressionando assim os recursos de subsistência; dessa forma, possivelmente os problemas seriam solucionados por meio da intensificação progressiva do uso da terra, que se deu provavelmente com o cultivo de grãos, e tais eventos devem ter produzido vestígios arqueológicos.⁴⁵

Os três subitens aqui expostos juntos se tornariam uma “totalidade”. A racionalidade desses procedimentos está não só relacionada a objetivos específicos, como também a um fator principal.

A totalidade de Roosevelt era polêmica. Não só porque havia em sua base discussões metodológicas e arqueológicas de interpretações de trabalhos feitos entre as décadas de 1950 e 1970. Mas suas interpretações assumiram um cunho de criticismo considerado por alguns uma atitude negativa e arrogante.

Todavia, essas questões de identidade e gerações diferentes

⁴² ROOSEVELT, *Op. cit.*, p. 159.

⁴³ ROOSEVELT, *Op. cit.*, p. 159.

⁴⁴ ROOSEVELT, *Op. cit.*, p. 159.

⁴⁵ ROOSEVELT, *Op. cit.*, p. 159.

e a estranheza causada por essa totalidade não estariam no fato de que esta produção tinha ou produzia “versões de verdade”, já que dependia muito dos pressupostos ou tendências da época em que foram promulgadas. Mas sim porque em seu objetivo último mudava, ou melhor, enriquecia as possibilidades de interpretação antropológica e arqueológica aceitas sobre o desenvolvimento cultural indígena no Novo Mundo.

A *janela* estava aberta e indicava um modo totalmente diferente do que até então se aceitava como certo, sobre a evolução das sociedades amazônicas, e quem dirá, também produziria mudanças na evolução de outras sociedades externas à região amazônica. A produção sugeria e implicava uma inversão de processos. Sinalizava assim que a pré-história das Américas necessitava ser compreendida por outros parâmetros. O ruído produzido pelas hipóteses de Roosevelt chegava a ser maior do que sua teoria ainda inacabada.

Os dados mudam uma teoria, mas deve-se lembrar que eles são também sistemas dedutivos. Assim, nenhuma teoria é reflexo do real. São “verdades científicas” estruturadas a partir de uma coerência lógica.⁴⁶ Sua teoria não foge à regra e foi estruturada dentro de regras científicas empiristas e lógicas aqui apresentadas. Mas nem sempre, ao se mutilar um objeto, percebe-se a ação, suas intenções e, sobretudo, suas possibilidades de derivações. Esse, talvez, seja um perigo constante ao qual estamos submetidos.

No jogo de possibilidades, apesar de construir uma racionalidade sob a perspectiva do contraponto, a voz continuava a ressoar dentro de uma linha difusionista, só que numa inversão de lados. O modelo era “pretensamente” diferente, mas em seu diálogo acabou quase que naturalmente alimentando uma arqueologia distante do “falso paraíso”, porém muito próximo à eterna ilusão do *Eldorado*.

O mundo – texto arqueológico amazônico

Muito já foi dito sobre *o velho e o novo* na arqueologia amazônica. A trajetória dessas duas mulheres é uma obrigatoriedade na leitura de quem quer iniciar os passos na Arqueologia Amazônica, tanto pela sua importância teórica como pelo pioneirismo. Talvez tenha sido pela curiosidade de aprender *como aconteceram* os primeiros trabalhos arqueológicos na Amazônia, que direcionei a pesquisa ao que seria o “falso paraíso” e a ilusão de um *Novo*

of both worlds supposedly different. In this continuous need to realize that despite not having a «hole» or a «set ceramic», not distanced me from the material culture.

Do not forget that archeology is above all what is produced! That is, a relationship between text and reader since the objects we study take part in the world of meanings, or rather acquire a voice from the texts we produce and read.

According to Ricoeur, the concept of signification admits of two interpretations that reflect the dialectic between the main event and meaning. Meaning is what the speaker means, that tries to say and what the phrase denotes, that the conjunction between the function of identification and predicative function produces. We can connect the reference speakers speech to his side with any of the dialectic. The event is someone talking. The language not only talks to people.

If there were really such archaeologies certainly they would be in the texts. The texts are like symbols; fix the meanings public. According to Geertz social scientists should study the meaning rather than behavior, seek knowledge rather than causal laws and reject the mechanical explanations of the natural sciences in favor of interpretive explanations.

In this case, the subjective side of signification draws attention, as are present through labels, one which called the environment and the other, which was established as a divergent positioning the current earlier.

As we have seen, archeology Meggers had as its focal point Evolutionism. She'd like possibility lowland areas adjacent to the Eastern Andes as possible diffusion zone. Therefore, this model established a perspective that put Amazon in a peripheral context. The archeology of the 40s had the concept of culture influences the rainforest, a model that was characterized as peripheral or standard Model.

These subsistence patterns, especially the agricultural demonstrated in most of its variables agents, limiting the emergence of social complexity than facilitators. Here you had the model of the Amazon as false paradise. Landfills Marajoras as synonymous with decadence.

Well, someone once said: The past need words. Who shapes the past we, historians and archaeologists. The sum of the sources of authority, cred-

⁴⁶ MORIN, Edgard. *O método*, Sulina: 2003, p. 159.

ibility and strength of argument were enough to forge the myth that signaled the Amazon is the real green hell.

The dialogue took a path one way or bias; Meggers's theory for some was associated only to the environment, the environmental theory, for others the association was made of the environmental poverty.

Yeah, well, so constructed that Amazon takes unexpected forms and places, his image is almost imperceptible to the conscious of those who forge. The photograph of Archaeology Amazon now is structured within these perspectives. The perpetuation of a particular interpretation has been felt for a long time, to the point where there would be a new interpretation.

The boldness of Roosevelt began to challenge the prevailing voices. First, because of considerable archaeological dig dating a region of humid and hot temperature. Second, because by giving voice to a culture that would evolve into full Paleolithic period in the Amazon Basin, opens a window for further discussions about the occupation of the American continent.

There is a mark that instead of giving heard the message that the man was not as limited as previously thought happened to listen to the existence of a complex civilization in the Amazon.

Attention is drawn here to two guiding principles: the emergence of complex cultures in the Amazon, and that possibly this region would be a diffusion zone, and the ethnographic context of the Amazon, the author felt misunderstood and poorly explored, since the occupations exemplify a contemporary framework sparse, simple and agriculture organization rudimentary.

The proposal was to establish a new vision of prehistory Amazon from field work and reevaluation of previous field work. The livelihood and the environment were brought to light through search parameters made in agriculture, pottery and Cultural Complexity. His final process allows for prehistoric occupation Amazon a long sequence, complex and diffuser.

It happens that the texts of both Meggers and Roosevelt, because they have meanings open to your readers, can suffer from so problematic dynamics of appropriation of the text by your reader. This raises another very dynamics, the interpretation. The issue then becomes another: redundancy

Eldorado.

Nesse procedimento acabei por me afastar dos objetos em si, seja de conjuntos cerâmicos aos trabalhos de prospecção, e acabei por me aproximar das *histórias que revelam o passado amazônico*. Sem “a terra debaixo das unhas” fui adentrando nos meandros de dois mundos pretensamente diferentes. Nesse contínuo é preciso dar-se conta de que apesar de não ter “um buraco” ou um “conjunto cerâmico”, não me distanciei da cultura material.

Não nos esqueçamos que a arqueologia é, acima de tudo, o que se produz! Ou seja, uma relação estabelecida entre texto e leitor, já que os objetos que estudamos tomam parte no mundo das significações, ou melhor, adquirem voz a partir dos textos que produzimos e lemos.

Segundo Ricoeur, o conceito de significação admite duas interpretações que refletem a dialética principal entre evento e sentido. Significar é o que o falante quer dizer, isto é, o que intenta dizer e o que a frase denota, isto é, o que a conjunção entre a função de identificação e a função predicativa produz. Podemos conectar a referência do discurso ao seu falante com o lado eventual da dialética. O evento é alguém falando. As línguas não falam, só as pessoas.⁴⁷

Se havia realmente essas *arqueologias*, certamente elas estariam nos textos. Os textos são como símbolos; fixam as significações públicas. Segundo Geertz, os cientistas sociais deveriam estudar o significado em vez do comportamento, procurar o conhecimento mais do que as leis causais e rejeitar as explicações mecânicas das ciências naturais em favor das explicações interpretativas.⁴⁸

Neste caso, o lado *subjetivo* da significação chama atenção, pois se faz presente por meio de rótulos; um, que preconizou o meio ambiente; e o outro, que se estabeleceu como um posicionamento divergente ao da corrente anterior.

Como vimos, a arqueologia de Meggers tinha como ponto principal o evolucionismo. Ela tinha como possibilidade as áreas das terras baixas adjacentes aos Andes Orientais como possível zona de difusão. Logo, esse modelo estabelecia uma perspectiva que colocava a Amazônia em um contexto periférico. A arqueologia da década de 1940 tinha influências do conceito de cultura da floresta tropical, modelo que foi caracterizado como *periférico*

⁴⁷ RICOEUR. *Teoria da Interpretação*, Lisboa, Ed. 70, 1976, p. 24.

⁴⁸ GEERTZ, C. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 95.

ou *standard Model*.⁴⁹

Esses padrões de subsistência, principalmente o agrícola, demonstravam, na maior parte de suas variáveis, agentes mais limitadores na emergência de complexidade social do que facilitadores. Eis que se tinha o modelo da Amazônia como *falso paraíso*. Os aterros marajoaras como sinônimo de *decadência*.

Ora, alguém já disse uma vez: *O passado precisa de palavras*. Quem dá forma ao passado somos nós, historiadores e arqueólogos. O somatório da autoridade das fontes, sua credibilidade e sua força de argumentação foram o suficiente para forjar o mito que sinalizava ser a Amazônia o real inferno verde.

O diálogo estabelecido tomou um caminho ou viés de mão única; a teoria de Meggers, para alguns, foi associada apenas ao ambiente, a *teoria ambiental*, e para outros a associação feita foi a de *pobreza ambiental*.

É assim, portanto, que a Amazônia construída toma lugares e formas inesperadas; sua imagem é quase imperceptível ao consciente daqueles que a forjam.⁵⁰ A fotografia da Arqueologia Amazônica passou a ser estruturada dentro dessas perspectivas. A perpetuação de uma determinada interpretação se fez sentir por muito tempo, até o ponto em que viesse uma nova interpretação.

A ousadia de Roosevelt começou ao desafiar as vozes preponderantes. Primeiro, pelo fato de desenterrar vestígios arqueológicos de considerável datação numa região úmida e de temperatura quente. Segundo, porque ao dar voz a uma cultura que teria evoluído em plena Bacia Amazônica no período paleolítico, abre uma janela para novas discussões sobre a ocupação do continente americano.

Há de se marcar que, em vez de se dar ouvido à mensagem de que o homem não era tão limitado como se pensava, passou-se a ouvir a existência de uma civilização complexa na Amazônia.

Chama-se a atenção aqui para dois princípios norteadores: a emergência de culturas complexas na Amazônia, e que possivelmente esta região seria uma zona difusora; e para o quadro etnográfico da Amazônia, que a autora considerava mal interpretado e pouco explorado, já que as ocupações contemporâneas exemplificam um quadro esparso, de agricultura simples e organização rudimentar.

⁴⁹ NEVES. *Op. cit.*, p. 89.

⁵⁰ GONDIM, Neide, *A invenção da Amazônia*, Marco Zero, 1994, p. 272.

or the many-sidedness of the senses becomes part of the meaning as a factor external to the text.

In Meggers the problem has its epicenter in the framework given to the Amazonian Archaeology. In an overview of her work, wonders «how not to incur the epigraph to reduce that allegedly would be arbitrary.»

For Roosevelt, the question would be more about how to build a general plan from assumptions to be validated and still not have them or insinuates them as answers.

Now, there is also to direct the gaze to the other side of the coin. In it there to find the player who is also responsible for a hundred numbers of interpretations. It grows the responsibility of these archeologists (or any other archeologists who are not here concerned) as authors of narratives. The responsibility of writing is intrinsically linked to the act of producing meanings.

Take the case of Meggers, his theory has produced an identification which reduced the Amazonian Archaeology to the environment; your responses induced to a totality characterized by short strings, simple and derived from other cultures. Perhaps because she was a pioneer or not, your voice for a long time was not only uniform as unisonant with other American archeology. His archeology finally realized why the lowlands there are no civilization as we Inca or Aztec. Their jargon was no doubt that the Amazon was the false paradise. Soon they saw the formation of two streams, those who were in favor of the false paradise and those who still clung to the edge of existence in the Amazon say something different.

Now lets look at Roosevelt established a straightforward dichotomy in relation to previous theory. Your problem does not involve the environment, but the search for answers not on data but on previous theoretical questions. In addition to having built an archeology that identified itself with the search for El Dorado, the main problem is to be read as adopting Archaeology responses as if they were data. The hypothetical character of Roosevelt's theory was ignored. Just necessarily presents it and becomes clear when one tries to understand his methodology. Anyway his narrative has been accepted (and we can say today is accepted) as a monument in favor of the «new El Dorado.»

To me, it seems clear that responsibility grows

not only as an author, but readers of texts. The narrative of prehistory is made through Material Culture and never ceases to be related to identities. I call particular attention to local identities as well as the national. What kind of narrative is based is false paradise and El Dorado. If reading is to share what are the implications of rationality built under any parameters implying the level or complexity of certain societies, whether higher or lower level.

Now its almost impossible not to realize the importance that these two women had, to some extent, in building a national identity and place in archeology referring to Amazon. The questions about their procedures, their goals and their choices coincide with an attempt to overcome the mask theme spent the past focusing on this last a reference to future explanations. How important these archaeologies to contemporary society?

So two questions call us attention, one of the symbolic orders of the other meaningful order. The symbolic order takes as distinctive quality of man is not the fact that he must live in a material world, a circumstance which he shares with all organisms, but the fact of doing so in accordance with a scheme created significant by itself, by quality which humanity is unique.

It is not easy to sustain a research in which there is a functional explanation, but it is not enough that you can open the system substantial bias is necessary that this functional value is always relative and even dependent on a cultural scheme. Develop a cultural and symbolic archaeological research within the Amazon would be an alternative to free it from the shackles of naturalism and quantitative approaches. Something that does not arrest the simple scheme Inferior or Superior.

The text is an entity woven with other entities, a text, and the process by which other texts are created, puts material culture and language in connection. One word alone means nothing. The word takes on a meaning when combined. Objects and words are empty when isolated, are arbitrary. But this arbitrariness disappears when they open to dialogue. The work of the archaeologist requires quantity, complexity, and a way to proceed. But the old pair, text and context, can serve to sort this effort. Since all objects are simultaneously parts of games and game pieces. Are purchased, game pieces, for which the meaning is brought fixing them in the contexts, analyzing them as part of

A proposta era estabelecer uma nova visão da pré-história amazônica a partir dos trabalhos de campo e da reavaliação dos trabalhos de campo anteriores. O modo de subsistência e o meio ambiente foram trazidos à tona por meio de parâmetros de pesquisa feita na agricultura, cerâmica e Complexidade Cultural. Seu processo final admite para a ocupação pré-histórica amazônica uma sequência longa, complexa e difusora.

Ocorre que os textos, tanto de Meggers quanto de Roosevelt, por possuírem significações abertas aos seus leitores, podem sofrer da tão problemática dinâmica de apropriação do texto por parte de seu leitor. Essa própria dinâmica gera outra, a de interpretação. A problemática então se torna outra: a da redundância, os vários ou a unilateralidade de sentidos passa a fazer parte da significação como um fator externo ao texto.

Em Meggers, a problemática tem como epicentro o *enquadramento* dado à Arqueologia Amazônica. Numa visão geral de seu trabalho, questiona-se “como não incorrer na epígrafe de reduzir o que pretensamente seria arbitrário”.

Para Roosevelt, a questão seria mais em torno de *como construir um plano geral a partir de pressupostos a serem ainda validados e não tê-los ou insinuá-los como respostas*.

Agora, há também de se direcionar o olhar para *o outro lado da moeda*. Nele, há de se encontrar o leitor que também é responsável por um cem-número de interpretações. Daí cresce a responsabilidade dessas arqueólogas (ou quaisquer outros arqueólogos que aqui não estão em questão) como autoras de narrativas. A responsabilidade do ato de escrever está intrinsecamente ligada ao ato de produzir significações.

Vejamos o caso de Meggers: sua teoria produziu uma identificação que reduzia a Arqueologia Amazônica ao meio ambiente; suas respostas induziam a uma totalidade caracterizada por sequências curtas, simples e derivadas de outras culturas. Talvez por ela ter sido uma das pioneiras ou não, sua voz durante muito tempo foi não só uniforme como unissonante com *outras Arqueologias Americanas*. Sua arqueologia finalmente dava conta do por quê de não haver nas terras baixas uma civilização tal como a incaica ou asteca. Seu jargão foi, sem dúvida, o de que a Amazônia era o *falso paraíso*. Logo, se via a formação de duas correntes: a dos que eram a favor do *falso paraíso*, e a dos que ainda se agarravam no fio da existência de, digamos, *algo diferente* na Amazônia.

Agora vejamos Roosevelt: estabeleceu uma franca dicotomia em relação à teoria precedente. Sua problemática não envolve o meio ambiente, mas a busca por respostas não em dados, mas em questões teóricas prévias. Para além de ter construído uma arqueologia que se identificasse com a *busca pelo Eldorado*, seu principal problema está em ser lida como a arqueologia que adota respostas como se fossem dados. O caráter hipotético da teoria de Roosevelt foi ignorado. Só necessariamente se apresenta e se faz claro quando se tenta perceber sua metodologia. De qualquer forma, sua narrativa foi aceita (e podemos dizer que até hoje é aceita) como um monumento em favor do “*novo Eldorado*”.

A mim, parece claro que cresce a responsabilidade não só como autora, mas como leitora de textos. A narrativa da pré-história é feita por meio da Cultura Material e não deixa de estar relacionada a identidades. Chamo a atenção particularmente às identidades locais bem como às nacionais. Que tipo de narrativa tem por base seja o *falso paraíso* ou o *Eldorado*? *Se ler é partilbar*, quais são as implicações de racionalidades construídas sob quaisquer parâmetros implicando o nível ou a complexidade de determinadas sociedades, seja em nível superior ou inferior?

Ora, é quase impossível não perceber a importância que essas duas mulheres tiveram, em certa medida, na construção de uma identidade local e nacional no referente à Arqueologia Amazônica. Os questionamentos sobre seus procedimentos, seus objetivos e suas escolhas coincidem com uma tentativa de ultrapassar a máscara do tema *passado pelo passado*, focalizando nesse passado uma referência a explicações futuras. Qual a importância dessas *arqueologias* para a sociedade contemporânea?

Portanto, duas questões nos chamam a atenção: uma, de ordem simbólica; a outra, de ordem significativa. A de ordem simbólica toma como qualidade distintiva do homem não o fato de que ele deve viver num mundo material, circunstância que compartilha com todos os organismos, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única.⁵¹

Ora, não é fácil sustentar uma pesquisa em que não há uma explicação funcional. Mas que ela não seja suficiente para que se possa abrir o viés do sistema significativo é preciso que esse valor funcional seja sempre relativo e até dependente de um esquema cultural. Desenvolver uma perspectiva cultural e

games.

Another point we need to pay attention is that knowing where they come from our memories is easier to create the habit of having respect for them. Our archaeological heritage is closely related to our archaeological practices. Construct, reconstruct or deconstruct a memory means first of all become realities. And it is with the image of this reality that we must be careful. Any remaining Cultural or leads to a particular identification by society, either the present or the past can be considered as cultural heritage, our memory.

Both models are representations of memory and how memory representatives are part of our cultural heritage that may or may not be identified with the factual reality. The memories are ours! Are we aware that these may not be the perspectives of those who study, the representation of other cultures and identities.

One may well think that the theories Meggers are insignificant today. Or that certain concepts used by Roosevelt are outdated, but the truth is that these archeologists and made part of our archaeological heritage. Inheritance producing certain memories in the present. And although there is nothing we can keep forever, there are traces.

The traces they have left us were provocative and arrogant to say «what is right or wrong,» or what is old and what is new. What we must consider the limits are. The limits of each model belong to their authors, and are accessible to us as readers, which such bridges to new interpretations.

It is then that the lesson as important as knowing that theories have limits; knows is that interpretations are possible.

What guarantee have we that we possibly approaching the true cultural memory of the indigenous people of the Amazon?

It must be noted the words spoken by teachers Eduardo G. Neves and Almir Diniz during the first International Seminar on Archaeological Heritage Management Pan-Amazonian. Neves highlighted the importance of archeology in social context referring to the change and social inclusion of riparian already Diniz, called attention to how to make the representation of the past Amazon, especially those who build this past.

The two must go together ideas. Amazonian societies cannot be silenced or are in the background in the construction of his past. They need to come

⁵¹ SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Cultura e Razão Prática. Zahar, 1979, p. 7.

first regardless of other factors. And their culture needs to be viewed independent comparisons.

Two voices, two models, two buildings, two representations of the past that laid the Amazonian societies and the symbolic power of their culture as a backdrop to other parameters. But there are other voices and they need to be heard.

simbólica dentro das pesquisas arqueológicas amazônicas seria uma alternativa de libertá-la das amarras do naturalismo e de perspectivas quantitativas. Algo que não se prendesse ao simples esquema de *Inferior ou Superior*.

O texto é uma entidade tecida junto de outras entidades, e o processo pelos quais outros textos são criados coloca cultura material e linguagem em conexão. Uma palavra sozinha nada significa. A palavra toma um significado quando associada. Os objetos e as palavras estão vazios quando isolados, são arbitrários. Mas essa arbitrariedade desaparece quando elas se abrem ao diálogo. O trabalho do arqueólogo requer quantidade, complexidade, e uma maneira para proceder. Mas o velho par, do texto e do contexto, pode servir para ordenar esse esforço. Já que todos os objetos são simultaneamente, jogos de peças e peças de jogos. São os textos, jogo de peças, para o qual o significado é trazido fixando-os nos contextos, analisando-os como parte dos jogos.⁵²

Outro ponto que precisamos dar atenção é que, sabendo de onde vêm nossas memórias fica mais fácil criar o hábito de respeitá-las. A nossa herança arqueológica está estreitamente relacionada às nossas práticas arqueológicas. Construir, reconstruir ou desconstruir uma memória significa, antes de tudo, transformar realidades. E é com a imagem dessa realidade que precisamos ter cuidado. Qualquer remanescente cultural ou que leve a uma determinada identificação, por parte da sociedade, seja do presente ou do passado, pode ser considerado como herança cultural, nossa memória.

Os dois modelos são representações de memória, e como representantes de memória fazem parte de nossa herança cultural, que pode ou não estar identificada com a realidade de fato. As memórias são nossas! Será que temos noção de que essas podem não ser as perspectivas de quem estudamos, ou seja, da representação de outras culturas e identidades?

Pode-se assim pensar que as teorias de Meggers são insignificantes hoje em dia. Ou que certos conceitos utilizados por Roosevelt são ultrapassados, mas a verdade é que estas arqueólogas fizeram e fazem parte de nossa herança arqueológica. Herança que produz determinadas memórias no presente. E embora não exista nada que possamos conservar para sempre, existem os vestígios.

Dos vestígios que elas nos deixaram seria provocativo e

⁵² GLASSIE. *Op. cit.*, pp. 48-49.

arrogante afirmar “o que é certo ou errado”, ou o que está ultrapassado e o que é novo. O que devemos considerar são os limites. Os limites de cada modelo pertencem aos seus autores, e são a nós acessíveis como leitores, tais quais pontes a novas interpretações.

Fica então a lição de que tão importante quanto saber que as teorias possuem limites, é saber que interpretações são possibilidades.

Que garantias temos de que estamos possivelmente nos aproximando da verdadeira memória cultural dos povos indígenas da Amazônia?

Há de se destacar as palavras proferidas pelos professores Eduardo G. Neves e Almir Diniz durante o primeiro Seminário Internacional de Gestão do Patrimônio Arqueológico Pan-Amazônico.⁵³ Neves destacou a importância da arqueologia no contexto social no referente à mudança e à inclusão social dos ribeirinhos; já Diniz pediu atenção para como se faz a representação do passado amazônico, especialmente quem constrói esse passado.⁵⁴

As duas ideias precisam andar juntas. As sociedades amazônicas não podem ser silenciadas ou estarem em segundo plano na construção de seu passado. Elas precisam vir primeiro, independentemente de outros fatores. E sua cultura precisa ser visualizada independentemente de comparações.

Duas vezes, dois modelos, duas construções, duas representações de passado que colocaram as sociedades amazônicas e o poder simbólico de sua cultura como pano de fundo a outros parâmetros. Mas existem outras vezes, e é preciso que elas se façam ouvir.

⁵³ Realizado em Manaus de 5 a 9 de novembro de 2007.

⁵⁴ Palestras realizadas no Seminário Internacional de Gestão do Patrimônio Arqueológico Pan-Amazônico.